

Biblioteca Anarquista



Cenas do Acampamento Pró-Palestina em Ottawa

Brynn Emond

Brynn Emond
Cenas do Acampamento Pró-Palestina em Ottawa
3 de maio de 2024

mutualrage.wordpress.com

Título original: "Scenes from the pro-Palestine encampment at
OttawaU", de Brynn Emond. Tradução por Paulo Bagre.

bibliotecaanarquista.org

3 de maio de 2024

Outro dia, meu amigo e eu decidimos que queríamos visitar o acampamento pró-Palestina liderado por estudantes, que surgiu recentemente no gramado de Ottawa. Numa das páginas de mídia social do grupo organizador, eles enviaram recentemente uma mensagem informando às pessoas que estavam aceitando doações, especificamente de certos tipos de coisas (como água quente, sacos de lixo, lonas azuis, tapetes de ioga, etc.). Senti-me impulsionado pelo desejo de doar tudo o que pudesse – então, durante meu turno, vasculhei furtivamente o depósito dos fundos, vasculhando anos de copos de papel, tampas e chás fora de época extintos. Havia o suficiente lá atrás para abastecer um pequeno exército com xícaras para viagem e rooibos aromatizados. Perfeito; coloquei tudo em uma sacola para levar conosco.

Pedalamos, por poucos minutos, até o campus da universidade, eu com minha sacola de produtos de papel e chá, meu amigo equilibrando precariamente um rolo de cartolinas no guidão. Era uma tarde úmida e quente: Quando chegamos, a atividade no acampamento estava visivelmente diminuída. Vimos as bandeiras palestinas amarradas nas barras de metal preto, que cercavam o gramado; haviam outras penduradas em um punhado de carvalhos imponentes que ficavam acima das silenciosas fileiras de tendas. Havia pessoas circulando na frente, sentadas na grama, conversando e tomando bebidas geladas. Uma grande placa pintada à mão dizia CHECK-IN, então fomos lá primeiro.

Ao me aproximar do acampamento, senti uma sensação de ansiedade e incerteza: Seríamos rejeitados? (Mas por que eles nos rejeitariam)? Tentei parecer o mais relaxado e inofensivo possível. Com alguma dificuldade, aproximei-me, meio que esperando um desafio, e não recebi nenhum. Pessoas com coletes de alta visibilidade e keffiyehs conversavam sob o teto de lona do estande do CHECK-IN. Perguntei onde poderia doar e me indicaram outra barraca (a cozinha).

Eu me abaixei entre os telhados das tendas, em um espaço próximo e quase íntimo. As pessoas na cozinha me disseram onde eu poderia deixar meus copos de papel e chá. Acrescentei-os à pilha (já bastante significativa) e corri para encontrar meu amigo, que a essa altura já havia se estabelecido no “Cantinho das Artes”, que ficava nos fundos do acampamento, bem escondido atrás de um dos lindos e imponentes carvalhos velhos. Várias pessoas estavam trabalhando em um enorme banner, pintando cuidadosamente as cores palestinas em uma tela. Sentei-me em uma lona azul ao lado do meu amigo, ainda me sentindo um impostor e

ainda meio-pronto para ser desafiado – mas, nunca fui. Ficamos sentados juntos por uma ou duas horas, fazendo sinais. Trocamos algumas palavras rápidas com outras pessoas – “Gosto desse sinal”, disse alguém, olhando para o nosso poster: “Stop the Genocide Now!”. “Estou procurando meu airpod”, disse outra pessoa, com o rosto obscurecido por um keffiyeh.

“O seu airpod?” Eu disse.

“Sim, no singular”, a pessoa respondeu.

“Oh, isso parece difícil”, eu disse, olhando para o vasto gramado com suas dezenas de tendas, imenso espaço verde e milhões de pequenos objetos empilhados sobre mesas.

“Tenho certeza de que vou encontrá-lo”, disse ela, afastando-se.

Trabalhamos em nossas placas, conversando sobre qualquer coisa. De vez em quando, um carro que passava do outro lado da cerca buzina, provocando uma pequena comemoração daqueles que estavam na frente do acampamento. Olhei em volta, tentando entender como o lugar funcionava. Várias vezes me ocorreu perguntar quem estava no comando, antes de me lembrar que quase certamente não havia ninguém. Quando perguntei às pessoas que pintavam o banner onde colocar meu lixo, elas deram de ombros e disseram: “Provavelmente lá dentro, eu acho”. Na minha placa escrevi: “As instituições não são suas amigas”, me referindo à universidade, mas também todas as outras.

Mais tarde, a pessoa com a cabeça enrolada no keffiyeh voltou e disse: “Encontrei meu airpod”.

”Estou feliz por você!” Eu respondi.

“Eu sabia que encontraria”, disse ela, afastando-se novamente.

Qualquer movimento de pessoas inevitavelmente trará detratores. Neste momento, vemos as nossas instituições a virar continuamente as costas à Palestina, apesar do imenso clamor popular em apoio a ela e ao seu povo. Grande parte da comunicação social recusa-se a retratar com precisão a natureza unilateral deste conflito, recorrendo em vez disso a -ismos de “ambos os lados”, alegando a complexidade da questão, ou o suposto direito de Israel de se defender. (Defender-se assassinando crianças? É a resposta natural, embora raramente expressa). Parte do método através do qual o governo e os meios de comunicação social pretendem desacreditar o movimento pró-Palestina envolve deturpar – e reportar mal – o que são realmente os acampamentos de estudantes, e para quê servem.

Os acampamentos, e os seus organizadores e voluntários, destinam-se a fazer várias coisas. Destinam-se a lançar uma luz dura e reveladora sobre a cumplicidade das instituições ocidentais no genocídio palestino. Destinam-se, também, a aumentar a consciência geral sobre o conflito, a situação dos palestinos e o fato de que já basta; a resposta do mundo ocidental tem sido até agora explicitamente de apoio a Israel, o agressor, com alguns gestos ocasionais de simpatia para com os palestinos. Para a pessoa média, isto é inaceitável – não faz sentido. Protestos, acampamentos e manifestações continuarão a ocorrer nas nossas cidades até que algo mude. Muitos políticos parecem não compreender isto. Eles, como sempre, estão tentando esperar que a agitação passe. Mas, com cada nova atrocidade que ocorre na Palestina, a agitação só aumenta; não corre o risco de se dissipar, não até que a Palestina seja livre.

Alguns meios de comunicação, ao reportarem sobre os acampamentos estudantis, parecem surpresos por eles serem tão obviamente não-violentos, ou por serem tão comunitários, funcionais e anárquicos, amigáveis. Mas é claro que são. Eles existem para realizar o sonho de um mundo justo e certamente são confusos – qualquer comunidade de seres humanos sempre o é. Mas eles conhecem o seu propósito, estão unidos nos seus objetivos e o espírito de justiça e de ajuda mútua prospera neles. Isto aterroriza as administrações universitárias, o governo, os meios de comunicação, a polícia – claro que assusta. De repente, eles se deparam com um movimento de pessoas que são revigoradas pela realidade vivida em comunidade e mil vezes mais fortes que eles por causa disso.

”Do rio ao mar,
a Palestina será livre!”